

# Relações musicais entre os Açores e o Brasil

## dois emigrantes de Angra do Heroísmo no Rio de Janeiro

**LUÍS HENRIQUES** TEXTO  
CESEM — UNIVERSIDADE DE ÉVORA

As relações entre os Açores e o Brasil remontam ao século XVI, praticamente logo após a chegada dos Portugueses ao continente sul-americano. Mais do que um mero porto de chegada e meio de enriquecimento para os emigrantes açorianos, a cultura gerada no Brasil foi também importada para os Açores, como também para o Continente português em geral. Nestas trocas culturais entre as ilhas e a diáspora sul-americana incluem-se duas figuras no que à Música diz respeito, Raphael Coelho Machado e Theotonio Borges Diniz, ambos nascidos em Angra do Heroísmo, que, após emigrarem para o Brasil nas décadas de trinta e quarenta, desenvolveram uma actividade musical no Rio de Janeiro cuja influência chegou à sua cidade de origem.

O crescimento da população açoriana ao longo dos séculos XVII e XVIII, juntamente com uma consciência do isolamento insular, motivou o movimento migratório para várias regiões do Brasil, nomeadamente para a Bahia, Maranhão e o Pará. A emigração para o continente sul-americano foi motivada sobretudo por interesses particulares ou familiares, mas também por uma forte influência estatal, com intenção de colonizar áreas ainda por explorar, aí mantendo ao mesmo tempo uma assistência militar permanente, de forma a vigiar as fronteiras mais remotas do império.<sup>1</sup> Esta situação continuou durante o século XVIII e inícios do XIX, mantendo-se os fluxos migratórios para o Pará e Maranhão e ainda para Santa Catarina. Todavia, em meados do século XVIII, a lei de 4 de Julho de 1758 limitava a emigração com proveniência nas ilhas dos Açores e Madeira, alegando a insuficiência de mão-de-obra nessas ilhas. Os objectivos desta lei são contraditórios, pois, por um lado, existe uma tentativa de evitar o despovoamento das ilhas, mas, por outro, continua em aberto a saída de famílias, embora controladas pelo Estado. Embora se tenha controlado os movimentos açorianos de forma oficial, a saída clandestina das ilhas continuou a realizar-se de forma mais ou menos constante.<sup>2</sup>

A partir da década de trinta do século XIX, consolidado o regime Liberal em Portugal e o desfecho da Guerra Civil, foi abandonado um tipo de emigração com características predominantemente de movimentação interna entre metrópole e colónia, criando-se condições para um movimento migratório resultante da livre vontade dos indivíduos. Os açorianos emigravam agora para uma nação livre e independente, que, além de todos os recursos por explorar, partilhava a mesma língua, religião e costumes com a terra de origem dos seus imigrantes. De uma forma geral, pode afirmar-se que o Brasil constituiu até às décadas de setenta e oitenta o destino da grande maioria dos emigrantes açorianos. No caso particular do distrito de Angra do Heroísmo, o número de saídas, embora irregular, aumentou a partir da década de cinquenta. No ano de 1855 saíram 560 indivíduos do distrito e, em 1873, 796 indivíduos de forma legal, isto é, com passaporte.<sup>3</sup> Porém, uma vez que os registos de passaportes começam apenas em Março de 1850, não foi ainda possível determinar os detalhes da saída de Raphael Coelho Machado e Theotonio Borges Diniz da ilha Terceira. No entanto, este terá sido muito possivelmente o contexto em que estes dois angrenses abandonaram a ilha.

Existem dúvidas quanto ao local e data de nascimento de Raphael Coelho Machado. Algumas fontes dão-no como nascido na paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Angra e outras na Praia, possivelmente na paróquia de Santa Cruz.<sup>4</sup> Outras ainda atribuem-lhe a naturalidade madeirense.<sup>5</sup> Todas apontam 1814 como o ano do seu nascimento, sem apresentar, contudo, o mês ou o dia. Porém, não foi encontrado qualquer assento de ter sido baptizado qualquer Raphael no ano de 1814 nos livros paroquiais de ambas as paróquias terceirenses. Todavia, o conhecimento em Angra do Heroísmo da obra de Machado, assim como as relações directas do compositor com pessoas desta cidade, apontam para que Raphael Coelho Machado tenha de facto nascido na ilha Terceira.

Machado terá estudado “música e preparatórios para seguir a carreira eclesiástica” na Sé de Angra, onde foi



moço do coro.<sup>6</sup> No período em que Raphael Coelho Machado estudou na Catedral angrense era mestre de capela o padre Mateus Pereira de Lacerda e, possivelmente, o cargo de mestre-escola seria ocupado pelo padre Ignacio Luís Pereira. Porém, o ingresso na carreira eclesiástica não chegou a concretizar-se e, em 1835, partiu para Lisboa. Três anos mais tarde, viajou para o Brasil, estabelecendo-se na cidade do Rio de Janeiro como professor de música, compositor e impressor.

O pouco que se conhece hoje sobre Raphael Coelho Machado deve-se à entrada que Innocencio Francisco da Silva lhe dedicou no *Diccionario Bibliographico Portuguez*, porventura a sua mais antiga biografia, escrita ainda em vida do compositor.<sup>7</sup> Grande parte deste texto é, por sua vez, reproduzida por Ernesto Vieira na entrada sobre o compositor no seu *Diccionario*.<sup>8</sup> Machado é hoje conhecido sobretudo pelo seu papel no desenvolvimento da modinha e do lundu em meados do século XIX, sendo frequentemente mencionado como um dos primeiros autores da corrente musical que hoje é conhecida como Música Popular Brasileira.<sup>9</sup>

O compositor, após ter chegado ao Rio de Janeiro, fundou, em 1842, nesta cidade um periódico musical e poético intitulado *O Ramalhete das Damas*, de que, segundo Innocencio, foi o principal director e redactor durante cinco anos (portanto, até 1848).<sup>10</sup> No ano de 1842 foram apenas publicadas obras musicais e no ano seguinte começaram a ser publicados artigos sobre música, notícias e retratos de músicos sob o título de *folhas de leitura*.

## O Brasil constituiu até às décadas de 1970 e '80 o destino da maioria dos emigrantes açorianos.

Este periódico, primeiramente publicado na Typographia Franceza, passou a ser publicado pela Sociedade Phil'Orphenica a partir de 1844 e, três anos depois, regressou ao formato inicial, publicando-se apenas obras musicais compostas por trechos de óperas, arranjos e transcrições e música popular.<sup>11</sup> Após uma viagem pela Europa nos anos de 1852 e 1853, onde passou por Inglaterra, França, Espanha e Portugal, iniciou uma colaboração enquanto redactor no jornal *Tribuna Catholica*, periódico do Instituto Episcopal Religioso, até 1857, ano em que foi nomeado relator da comissão de redacção.

Colaborou ainda com outros periódicos, escrevendo poesia e cópia de artigos sobre vários assuntos (música, seguros, religião, entre outros).<sup>12</sup> Foi, segundo Vieira, professor de música no Instituto dos Cegos durante dez anos.<sup>13</sup> Os anos de 1842 a 1852 foram ainda um período de publicação de várias obras teóricas.

Em 1842 foi publicado pela Typographia Franceza do Rio de Janeiro o *Diccionario musical*, com os termos utilizados na escrita de música, propondo apresentar a terminologia técnica musical desde os tempos mais antigos, abreviaturas, questões etimológicas menos vulgares e sinónimos. Esta obra teve uma segunda edição aumentada, editada pela Typographia do Commercio de Brito e Braga em 1853, com um catálogo das obras do compositor e uma série de críticas da imprensa local sobre a validade da obra. Nesse ano publicou ainda os *Principios de musica practica para uso dos principiantes*, obra de 24 páginas impressa pela Typographia Franceza com três estampas litografadas.<sup>14</sup>

No ano de 1843 publicou dois métodos para instrumentos. O primeiro é uma tradução do *Methodo de piano-forte, composto por Francisco Hunten*.<sup>15</sup> Esta obra foi impressa na Estamparia de Jean François Schmidt, com várias reimpressões nos anos seguintes, tendo sido adoptada pelo Conservatório de Música do Rio de Janeiro. O segundo método, intitulado *Grande methodo de flauta, compilação dos famosos methodos de Devienne e Berbiguier*, foi impresso na mesma casa que o anterior. No ano seguinte foi publicado um método intitulado *Principios da arte poetica, ou medição dos versos usados na língua portugueza*, um compêndio de 28 páginas impresso também na Typographia Franceza, onde refere uma série de regras quanto à escrita de poesia e a forma de a colocar em música, assim como questões de métrica com observações sobre obras de compositores brasileiros de música vocal da época.

Machado publicou um *Methodo de afinar o piano* em 1845, impresso na Typographia de Carlos Haring. Neste volume de 16 páginas traçou a história, descrição técnica do instrumento e algo que intitula “escolha e conservação”, com conselhos quanto à escolha do tipo de instrumento mais adequado e cuidados a ter na sua manutenção. A segunda edição desta obra inclui, como anexo, uma tradução intitulada *Chirogymnasto dos pianistas, ou gymnastica dos dedos*, de C. Martin. Deste ano de 1845 é também a edição do *A B C musical*, ou uma “breve explicação da arte da música, dedicada aos amadores”, como refere o autor. A primeira edição foi impressa na Typographia de Carlos Haring. Na terceira edição, revista e aumentada, impressa na Typographia Episcopal de Agostinho de Guimarães e C.<sup>16</sup>, Machado encerra o volume com um texto sobre a utilidade e influência da música na educação.



Em 1851 ou 1852 foi publicado o *Tratado de Harmonia*, obra apresentada ao Conservatório Real de Lisboa, sendo aprovada para uso nesta instituição na sessão de 7 de Julho de 1851. De acordo com Ernesto Vieira, trata-se de uma “tradução do tratado de harmonia de Reicha com a diferença de que os exemplos que não foram copiados da obra original são singularmente mal feitos e incorrectos”.<sup>16</sup> Vieira afirma ainda que Machado teria grande influência na direcção do Conservatório, presidida em 1851 por Francisco Xavier Migone, para conseguir que a sua obra fosse adoptada por esta instituição, uma vez que obras semelhantes de João Guilherme Daddi e Angelo Frondoni haviam sido anteriormente rejeitadas.<sup>17</sup> A edição de 1851 terá sido impressa na casa Sassetti de Lisboa e a segunda edição em Paris, por A. Lefont.

A década de cinquenta viu ainda a publicação de mais quatro volumes, compêndios musicais didácticos direccionados a iniciantes e amadores. Em 1852 imprimiu os *Elementos de escripturação musical* em Lisboa, um léxico com a terminologia utilizada na época para a cópia e edição de música. No ano seguinte foi impresso um *Methodo completo de violão*, em três partes, impresso no Rio de Janeiro. O título sugere tratar-se de uma tradução do método do guitarrista e professor italiano Matteo Carcassi (1792-1853). Também traduziu nesse ano a *Escola do violino*, método para este instrumento da autoria de Delphin Alard, adoptado no Conservatório de Paris. O volume, com notas de Machado, foi impresso em Paris em oficina desconhecida. De sua autoria parece ter sido o *Methodo de órgão expressivo* (vulgarmente harmonico), impresso na Typographia de Brito e Braga em 1854, dividido em duas partes com 24 secções cada, onde é tratada a forma de tocar o instrumento, a realização de baixo cifrado e várias formas de acompanhamento. Em 1854, iniciou uma publicação mensal intitulada *Bouquet das pianistas*, contendo pequenas peças de piano para uso doméstico. Nesse ano encontrava-se estabelecido no número 61 da Rua dos Ourives.<sup>18</sup>

Raphael Coelho Machado desenvolveu ainda uma importante actividade enquanto impressor de música, passando a sua oficina por várias ruas do Rio de Janeiro. Em 1848, adquiriu um estabelecimento de venda de pianos e música no número 43 da Rua dos Ourives a Jean François Schmidt, que, juntamente com J. B. Klier, era um dos mais antigos comerciantes de música do Rio de Janeiro.<sup>19</sup> Após o regresso da viagem pela Europa, Machado associou-se a Honorio Vaguer Frion em 1854, estabelecendo uma casa de música no número 61 da Rua dos Ourives, que pertencia a este último desde 1848. Nessa rua, encontravam-se instaladas em meados do século XIX as casas de música Laforge (número 60), Bevilacqua (número 53), Narcizo José Pinto Braga (número 62), e Filippone e Tornaguhi (no número 101).<sup>20</sup>

A sociedade manteve-se até 1856, participando em Maio a sua dissolução, que, segundo os próprios, ocorrera amigavelmente a 31 de Março desse ano, ficando todo o activo e passivo em poder de Frion. Nesse ano, Machado abriu loja individual no número 43 da Rua da Quitanda. Manteve este negócio até 1869, ano em que Narcizo José Pinto Braga, estabelecido no número 62 da Rua dos Ourives, lhe comprou o negócio. Nesse ano Braga comprou também as casas dos Sucessores de Laforge, J. C. Meirelles, Arvellos e Nicasio Garcia. A compra destas casas resultou numa associação com Arthur Napoleão a partir de 1869.<sup>21</sup>

## Raphael Coelho Machado será um dos primeiros autores do que hoje é conhecida como Música Popular Brasileira.

No final da entrada dedicada a Raphael Coelho Machado, Innocencio Francisco da Silva refere de forma sumária o catálogo da obra do compositor, dividindo-o em “composições em portuguez” e “composições em latim”, omitindo toda a música instrumental.<sup>22</sup> Nas composições em português, não foram mencionadas obras em particular, mas apenas as colecções e periódicos onde estas foram publicadas, divididas em dois grandes grupos. No primeiro é referido um número de 50 composições originais, publicadas nas colecções *Harpa do trovador*, *As Brasileiras*, *Melodias românticas*, *Mensageiras d’amor*, *Grinalda brasileira* e o já mencionado *Ramalhete das damas*, com algumas traduzidas para italiano. No segundo grupo é incluída uma série de obras de cariz religioso com texto em vernáculo. Uma dessas colecções – *Cantos religiosos e collegiaes, para uso das casas de educação* – foi encomendada pelo Instituto Episcopal Religioso e, como o título sugere, serviu para uso nos institutos de educação, com um agradecimento do inspector-geral da instrução primária, conselheiro Euzebio Queiroz Coutinho Mattoso, agradecendo a dedicatória que lhe havia feito Machado. Esta obra foi muito bem recebida no Rio de Janeiro, com inúmeros artigos laudatórios nos periódicos locais.<sup>23</sup>

No referente à música sacra (com textos latinos), a sua produção é bastante mais reduzida até à data da



publicação do *Dicionario Bibliographico*. Sem entrar em grandes detalhes, Innocencio enumera 18 obras onde se incluem 4 missas (para grande e pequena orquestra), 2 *Te Deum*, 2 *Veni Sancte Spiritus*, 2 *Tantum Ergo* e uma variedade de outras obras de menor dimensão como uma Ladainha, a antífona *Sub tuum praesidium*, entre outras. Estas obras estão escritas para uma, duas, tres e quatro vozes, com vários tipos de acompanhamento desde órgão a orquestra, divida entre pequena (possivelmente só cordas) e grande (com instrumentos de sopro).<sup>24</sup>

Relativamente à música sacra de Raphael Coelho Machado, surge em 1880 a notícia num periódico de Angra do Heroísmo relatando a chegada de uma missa do Rio de Janeiro, da autoria de Machado, que havia sido expressamente dedicada ao reverendo Padre António Correia da Silva pelo autor.<sup>25</sup> Esta notícia é reveladora das relações musicais entre Angra do Heroísmo e o Rio de Janeiro, neste caso particular entre o reverendo António Correia da Silva e Machado, que possivelmente trocariam correspondência para lhe ser dedicada e enviada uma obra musical. Todavia, não é conhecido actualmente qualquer manuscrito contendo a obra em questão. A única referência a uma missa de Machado aparece no Manuscrito n.º 26 do Museu Carlos Gomes, intitulada *Missa Solemne de Raphael*. Este manuscrito inclui duas partes impressas em Paris na oficina de Moucelot. As cópias manuscritas têm as datas de 1867/8 e 1883. A obra, em Lá maior, é em estilo concertado para quatro vozes, com acompanhamento de 2 violinos, viola, violoncelo contrabaixo; 2 flautas, 2 clarinetes e fagote; 2 pistons, 2 clarins, 2 corni [trompas] e 2 trombones.<sup>26</sup> Esta será a *Missa solemne*, para quatro vozes e grande orquestra, dedicada ao director de música João dos Reis Pereira mencionada por Innocencio. Este autor refere ainda mais duas missas: uma a três vozes e pequena orquestra e uma a duas vozes com acompanhamento de órgão para uso do coro de Nossa Senhora da Candelária, do qual Machado era organista.<sup>27</sup>

Existe ainda uma obra no fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra atribuída a Raphael Coelho Machado. Trata-se do manuscrito MM 52, intitulado *As Sete Palavras de Nosso Senhor Jesus Christo por Raphael C. Machado*, do qual apenas sobrevive uma parte de baixo instrumental, possivelmente de violoncelo. A obra, em Sol menor, encontra-se dividida em sete partes. Contudo, pela parte sobrevivente não é possível identificar se esta é uma obra vocal com acompanhamento ou puramente instrumental. A ausência de indicações textuais no início de cada andamento (*incipit* do texto cantado), comuns em obras vocais, sugere tratar-se de uma obra instrumental, possivelmente inspirada na obra com o mesmo título de Franz Joseph Haydn, compositor cuja obra era conhecida no Rio de Janeiro.<sup>28</sup> Porém, este não constitui argumento

suficientemente sólido para uma análise eficaz desta obra, dada a escassez do texto musical sobrevivente.

Terá sido condecorado cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, condecoração instituída por D. Pedro I do Brasil em 1829 para distinguir cidadãos fiéis ao Imperador e por serviços prestados ao Estado, possivelmente um dos 14.284 cidadãos condecorados pelo Imperador D. Pedro II entre 1840 e 1889. Terá sido também agraciado com a Ordem portuguesa de Sant'Iago da Espada, criada em 1834 a partir da extinta Ordem de Santiago, concedida por mérito literário, científico e artístico.<sup>29</sup> De acordo com Ernesto Vieira, Raphael Coelho Machado morreu no Rio de Janeiro a 9 de Setembro de 1887.<sup>30</sup> Porém, Machado não foi o único impressor de música de origem açoriana no Rio de Janeiro, uma vez que também emigrou também para o Brasil outro terceirense – Theotonio Borges Diniz – que desenvolveu semelhante actividade.

A informação que se conhece acerca de Theotonio Borges Diniz é bastante mais escassa relativamente ao seu congénere angrense, talvez pelo seu papel mais discreto, mas não menos importante, na história musical do Rio de Janeiro. Theotonio Borges Diniz nasceu a 3 de Outubro de 1825 na paróquia da Conceição de Angra, filho de António Borges Diniz e de Delfina Cândida, tendo sido baptizado pelo cura da colegiada da Conceição, Miguel Joaquim da Fonseca, aos 14 dias desse mês.<sup>31</sup>

Não se conseguiu encontrar referências relativamente à chegada de Theotonio Borges Diniz ao Rio de Janeiro, apontando-se, todavia, o início da década de cinquenta como a data mais provável, pelo menos em termos da actividade musical. No *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial* do Rio de Janeiro, editado por Eduardo Laemmert, para o ano de 1851, Diniz ainda não aparece quer como músico ou comerciante.<sup>32</sup> Porém, na edição de 1852, surge já como cantor da Capela Imperial e de outras igrejas do Rio de Janeiro, com morada no 2.º andar do número 42 da Rua de S. José.<sup>33</sup> Apesar de aparecer na secção de professores de música instrumental e vocal, o seu nome ainda não surge nesse ano na secção de comerciantes de lojas de instrumentos e de música, onde consta o seu contêrrâneo Raphael Coelho Machado. Na edição de 1853, Diniz é já referenciado como compositor e copista de cantochão, para além dos anteriores cargos de cantor na Capela Imperial e outras igrejas da cidade, o mesmo acontecendo na edição de 1854.<sup>34</sup>

A casa de música de Diniz esteve instalada até 1854 no número 17 da Rua Nova do Conde. Data de 1854 a cópia realizada nesta casa da *Messa di Requiem* de Alamano Biagi para a Capela Imperial do Rio de Janeiro, com cada uma das partes da obra encadernada numa folha impressa que identifica a casa de Diniz como “Imperial Copistaria de Musica”.<sup>35</sup> Em meados desse ano, transferiu a casa de impressão e cópia para o número 34 da



Praça da Constituição. Diniz propõe-se nessa morada “compor, instrumentar, copiar e vender toda a qualidade de música”, assim como o ensino de piano e a oferta de professores deste instrumento para tocarem em bailes e soirées.<sup>36</sup>

Em 1855 mudou-se para o número 11 da mesma praça. Tal como acontece com a Rua dos Ourives, também a Praça da Constituição era um local onde se instalaram várias casas de música ao longo do século XIX. Na década de cinquenta, Henrique Alves de Mesquita instala, com Antonio Luiz de Moura, o Lyceo Musical e Copistaria no número 79, Bento Fernandes das Mercês, no número 15 (mudando-se mais tarde para o 19), e, mais tarde em 1861, Soland de Chirol, no número 58.<sup>37</sup> A casa de Theotonio Borges Diniz manteve-se em actividade até 1858, ano em que traspassou o negócio a João Pereira da Silva.<sup>38</sup> Sabe-se que alguma música do compositor José Maurício Nunes Garcia foi copiada por Cláudio Antunes Benedito, filho do trompista da Capela Real, Claudio Benedito, como parte do seu ofício de copista na casa de Theotonio Borges Diniz.<sup>39</sup> A oficina de Diniz é mencionada no final da introdução dos *Cantos religiosos e collegiaes para uso das casas de educação* de Raphael Coelho Machado como o local aonde se devem dirigir os interessados em possuir cópia manuscrita dos cantos, uma vez que os colegiais ainda não estavam habilitados a cantar em coro, devido a uma fraca formação musical, e “sendo excessivamente elevado o preço da gravura musical entre nós”.<sup>40</sup>

Theotonio Borges Diniz terá estado ligado à actividade teatral no Rio de Janeiro. É referido como director de cena no teatro Alcazar Lírico no final da década de sessenta. Uma vez que este teatro havia sido inaugurado em 1859, é de supor que tivesse sido o primeiro a ali desempenhar o cargo de director de cena. Porém, Diniz assina um requerimento, com data de 15 de Março de 1855, enviado ao presidente do Conservatório Dramático Brasileiro, Diogo Soares da Silva de Bivar, solicitando licença para a representação da comédia em 1 acto *O perdão do acto*, no teatro São Pedro de Alcântara.<sup>41</sup> Este documento sugere que a associação de Diniz aos teatros do Rio de Janeiro será bastante mais antiga do que o cargo ocupado no Alcazar Lírico.

Todavia, a partir da década de sessenta, a sua actividade ligada à música parece ter-se desvanecido. O possível abandono desta actividade poderá estar relacionado com o título de Bacharel formado em Medicina, possivelmente Odontologia. Diniz foi, aliás, um dos primeiros médicos dentistas registados no Brasil. Após criada a Junta de Higiene Pública em 1858, através do Decreto-lei 598, os primeiros médicos dentistas registados foram Luiz Antunes Carvalho (em 1852), Emílio Salvador Ascagne (em 1859) e Theotonio Borges Diniz, em 1860.<sup>42</sup> A 7 de Novembro de 1867 casou no Engenho Velho com Adelaide Alberto

Kennedy, que veio a falecer em Île-de-France (Paris) a 11 de Julho de 1879. O local de falecimento de sua mulher sugere que terá empreendido uma viagem à Europa durante um largo período, uma vez que o seu nome surge frequentemente na imprensa lisboeta durante a década de setenta, geralmente apenas sob o título de barão de S. Diniz. Theotonio Borges Diniz foi o primeiro e único Barão de São Diniz, tendo recebido a carta de brasão de armas a 15 de Maio de 1874.<sup>43</sup> Para além deste título, era também cavaleiro-fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, grã-cruz da Ordem do Mérito Civil, de Honduras e comendador da Ordem da Rosa. Regressado ao Brasil, casou em segundas núpcias com Maria Gertrudes de Vasconcelos, novamente em Engenho Velho, a 7 de Fevereiro de 1885. Morreu no Rio de Janeiro, em Janeiro de 1910, com a idade de 84 anos.

## Theotonio Borges Diniz terá estado ligado à actividade teatral no Rio de Janeiro.

A ligação de Theotonio Borges Diniz a Angra do Heroísmo foi abordada superficialmente num estudo anterior, nomeadamente os contactos que manteve com indivíduos desta cidade.<sup>44</sup> Vários manuscritos existentes no fundo musical do Arquivo Capitular possuem dedicatórias de Diniz a elementos do clero angrense de meados do século XIX. O primeiro destes manuscritos é o MM 317, uma colecção de quatro cadernos com encadernação cartonada e alguma decoração cuidada que ilustra o cuidado da oficina de Diniz na realização e apresentação de cópias manuscritas. Trata-se, como o primeiro fólio dos cadernos indica, da *Missa de Bellini*, mais precisamente, a *Missa em Lá menor*, em estilo concertado, para solistas, coro e orquestra. Na versão do MM 317, surge apenas com acompanhamento de órgão, cuja redução terá eventualmente sido realizada na casa de Diniz, uma vez que era um dos ofícios a que se propunha nos anúncios. A missa de Vincenzo Bellini, escrita até 1835 (data da morte do compositor), foi oferecida por Theotonio Borges Diniz ao Deão da Sé de Angra N. A. da Fonseca, comprovada pela indicação “offer.a [oferecida]... por Theotonio Borges Deniz” presente no fólio inicial. O manuscrito tem a data de cópia de 1852, no Rio de Janeiro, 17 anos após a morte do compositor.

O manuscrito MM 204, que contém uma *Missa Pastoril a 4 concertato* [sic], é composto por quatro cadernos para



as quatro vezes, faltando o caderno do acompanhamento, possivelmente para órgão. À primeira vista, o título sugere tratar-se da obra do compositor José Maurício Nunes Garcia. Porém, a análise do texto musical comprova não existir concordância entre estas duas obras.

Uma outra obra oferecida por Diniz a um clérigo da Sé de Angra foi uma Missa a 4 concertada de autor desconhecido (MM 205), também composta por quatro cadernos, faltando o caderno para a parte do Alto, escrita para quatro vozes com acompanhamento de órgão. Theotônio Borges Diniz é quem assina a cópia do manuscrito no Rio de Janeiro, a 22 de Março de 1849. Esta terá sido também a data da dedicatória ao padre Francisco da Costa Coelho, que, pela indicação “pello seu amigo”, aponta para uma amizade entre os dois, constituindo assim uma oferta directa ao clérigo angrense.

Estes são alguns exemplos de obras existentes no fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra que confirmam a relação musical existente entre esta cidade e os músicos Raphael Coelho Machado e Theotônio Borges Diniz, que, embora emigrados no Rio de Janeiro, mantiveram contacto com a sua cidade natal. Esta é uma relação cujas referências sobrevivem hoje sobretudo no âmbito da circulação de música sacra. Todavia, também a música dita “de salão” terá estado certamente no centro deste contacto com Angra, uma vez que, no caso particular de Raphael Coelho Machado, a sua música para canto e piano circulou por todo o espaço luso-brasileiro e, com certeza, seria do conhecimento geral da burguesia angrense.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Carlos Cordeiro, “A emigração açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno de interesses e vontades”, *Arquipélago – História VII* (2003), pp. 99-104.

<sup>2</sup> C. Cordeiro, loc. cit., pp. 111-112.

<sup>3</sup> Susana Serpa da Silva, “A emigração no districto de Angra do Heroísmo (Açores). Breve análise com base nos registos de passaportes do terceiro quartel do século XIX e inícios do século XX”, in M. da N. Sarges et alii (org.), *Entre Mares: o Brasil dos Portugueses*, Belém, Editora Paka-Tatu, 2010, pp. 57-61.

<sup>4</sup> Para referências quanto à naturalidade de Machado, para Angra, cf. Ernesto Vieira, *Dicionário Biográfico de Músicos Portuguezes: História e Bibliographia da Musica em Portugal*, Lisboa, Lambertini, 1900, vol. II, p. 49, e Innocencio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, vol. VII, p. 45; para a Praia, cf. “Rafael Coelho Machado” [www.pt.wikipedia.org/wiki/Rafael\\_Coelho\\_Machado](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Coelho_Machado) (acedido em 05-03-2017), citado em Nancy Lee Harper, *Portuguese Piano Music: An Introduction and Annotated Bibliography*, Lanham, The Scarecrow Press, 2013, p. 94.

<sup>5</sup> Cf. Joaquim de Vasconcellos, *Os Músicos Portuguezes: Biographia-Bibliographia*, Porto, Imprensa Portugueza, 1870, vol. I, pp. 219-220. Este autor é citado como fonte em Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, Funchal, Tipografia Esperança, 1921, vol. I, pp. 548-549.

<sup>6</sup> E. Vieira, op. cit., vol. II, 49-50.

<sup>7</sup> I. F. da Silva, op. cit., vol. VII, pp. 45-48.

<sup>8</sup> E. Vieira, op. cit., pp. 48-49.

<sup>9</sup> José Ramos Tinhorão, *História social da música popular brasileira*, São Paulo, Editora 34, 1998, p. 132.

<sup>10</sup> I. F. da Silva, op. cit., vol. VII, p. 45.

<sup>11</sup> Adonia Filho (ed.), *Música no Rio de Janeiro Imperial 1822-1870*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1962, p. 74.

<sup>12</sup> I. F. da Silva, op. cit. vol. 7, p. 45.

<sup>13</sup> E. Vieira, op. cit., vol. II, p. 50.

<sup>14</sup> I. F. da Silva, op. cit., vol. 7, pp. 45-46.

<sup>15</sup> *Trata-se de Nouvelle méthode pour le piano-forte*, Op. 60, obra didáctica do pianista e compositor alemão Franz Hünten (ou François Hünten, como era conhecido em Paris, 1792-1878), impressa pela primeira vez em Paris, em 1833, por A. Brullé.

<sup>16</sup> E. Vieira, op. cit., vol. II, pp. 45-46.

<sup>17</sup> Idem, ibidem, vol. II, p. 46.

<sup>18</sup> A. Filho, op. cit., p. 73.

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 78.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 98.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 78.

<sup>22</sup> I. F. da Silva, op. cit., vol. VII, p. 47.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

<sup>24</sup> Idem, ibidem.

<sup>25</sup> *O Angrense 1838* (17 de Junho de 1880).

<sup>26</sup> Lenita Mendes Nogueira, *Museu Carlos Gomes: Catálogo de Manuscritos Musicais*, São Paulo, Arte & Ciência, 1997, p. 38.

<sup>27</sup> I. F. da Silva, op. cit., vol. VII, p. 47.

<sup>28</sup> Sobre a influência de Haydn no Rio de Janeiro, vide Joachim Le Breton, *Notícia Histórica da Vida e das Obras de José Haydn*, Rio de Janeiro, Imprensa Regia, 1820; José Augusto Bezerra et alii, *Haydn, Mozart e Neukomm na Corte Real do Rio de Janeiro (1816-1822)*, Fortaleza, Edições UFC, 2010.

<sup>29</sup> Augusto V. A. S. Blake, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883, p. 14.

<sup>30</sup> E. Vieira, op. cit., vol. II, p. 50.

<sup>31</sup> Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, *Livro de Baptismos de Nossa Senhora da Conceição, 1816-1833*, Livro 25, f. 142r.

<sup>32</sup> Eduardo Laemmert, *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial*, Rio de Janeiro, Eduardo e Henrique Laemmert, 1851.

<sup>33</sup> Idem, ibidem, 1852, p. 372.

<sup>34</sup> Idem, ibidem, 1853, p. 508.

<sup>35</sup> Acervo Musical do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, CRI-SM08, UM010, Cx008, disponível em [http://www.acmerj.com.br/CMRJ\\_CRI\\_SM08/](http://www.acmerj.com.br/CMRJ_CRI_SM08/).

<sup>36</sup> A. Filho, op. cit., p. 71.

<sup>37</sup> Idem, ibidem, pp. 71, 77 e 79.

<sup>38</sup> Idem, ibidem, p. 71.

<sup>39</sup> Cleofe Person de Mattos, *José Maurício Nunes Garcia: biografia*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1970, p. 259. Nota 270.

<sup>40</sup> Raphael Coelho Machado, *Cantos religiosos e collegias para uso das casas de educação*, Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1857.

<sup>41</sup> Biblioteca Nacional (Brasil), Ms I-08,24,014.

<sup>42</sup> António Silva e Teresa Márcia Morais, *Fundamentos da Odontologia em Ambiente Hospitalar/UTI*, São Paulo, Elsevier, 2015, p. 10.

<sup>43</sup> Afonso Eduardo Zuquete (dir.), *Nobreza de Portugal e Brasil*, vol. III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1989, p. 318.

<sup>44</sup> Duarte Gonçalves-Rosa e Luís Henriques, “O Acervo Musical da Sé Catedral de Angra do Heroísmo: obras resgatadas ao esquecimento”, *Glosas 5* (Maio 2012), pp. 74-75.